

“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

**“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic**

Isabella Cristina de Souza

[isabellacsouza@hotmail.com](mailto:isabellacsouza@hotmail.com)

Licenciada e Bacharela em História – UFSC

**RESUMO:** Na esquina das ruas Felipe Schmidt e Trajano, em Florianópolis, foi aberto, em 1948, uma cafeteria que viria a se transformar em um tradicional ponto de encontro e sociabilidade da cidade de Florianópolis: o Café Ponto Chic, mais conhecido por Senadinho. Esta cafeteria acompanhou, entre um cafezinho e outro, as profundas modificações urbanas que a cidade passara ao longo da segunda metade do século XX. Neste sentido, através de fotografias e de relatos orais de antigos frequentadores do Café, esse artigo reflete acerca de como a prática de ir ao Café Ponto Chic, e as características desse estabelecimento, se relacionam com o do espaço citadino. Mas também discute acerca de como as transformações físicas desta cafeteria podem ter influenciado as relações sociais que se constituíram em seu espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Florianópolis; Café Ponto Chic; sociabilidade; transformações urbanas.

**ABSTRACT:** On the corner of Felipe Schmidt and Trajano Streets, in Florianópolis, was opened in 1948, a Cafe that would later turn into a traditional meeting point of the city of Florianópolis: Café Ponto Chic, best known as Senadinho. This cafeteria accompanied, between a coffee and another, the deep urban changes that the city had passed over on the second half of the 20th century. In this sense, through photographs and oral histories about the Cafe, this article reflects on how the practice of going to Cafe Ponto Chic, and the features of this establishment, is relate to the city space. But also discusses about how physical transformations of this coffee shop may have influenced social relations which constituted in its space.

**KEYWORDS:** Florianópolis; Café Ponto Chic; sociability; urban transformations.

*"Every city has its place, and in Floripa it was Ponto Chic": sociability, urban transformations and experiences at Café Ponto Chic*



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

O “cantinho” ao qual se refere Átila Ramos<sup>1</sup> no título desse artigo está localizado na esquina das ruas Felipe Schmidt e Trajano, onde, em 1948, foi aberto um Café<sup>2</sup> que viria a se transformar em um tradicional ponto de encontro e sociabilidade da cidade de Florianópolis: o Café Ponto Chic. Mais conhecido pelo apelido de Senadinho<sup>3</sup>, esta cafeteria acompanhou, entre um cafezinho e outro, as profundas modificações urbanas que a cidade passara ao longo da segunda metade do século XX. À medida que a cidade vai adquirindo novas características, igualmente o Café vai se modificando, seja com relação ao público, ao espaço físico, ou às práticas alimentares. Desde a década de 1950 que a cidade de Florianópolis vem alterando significativamente sua paisagem, com o Café Ponto Chic não foi diferente: ao longo de seus 60 anos de existência sua “paisagem”, ou seja, seu espaço físico, também sofreu modificações, adquirindo as mais variadas funções. Neste sentido, através de fotografias e de relatos orais de antigos frequentadores do Café, esse artigo reflete acerca de como a prática de ir ao Café Ponto Chic, e as características desse estabelecimento, se relacionam com o do espaço citadino. Mas também discute acerca de como as transformações físicas desta cafeteria podem ter influenciado as relações sociais que se constituíram em seu espaço<sup>4</sup>.

Em “Carne e Pedra”, Richard Sennet reescreve a história das cidades mediante a experiência corporal. Isto o levou a estudar como as questões do corpo foram expressas na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana. Ao discorrer sobre as primeiras casas de café da Europa, criadas pelos ingleses, no século XVIII, Sennet aponta que uma das grandes

1 RAMOS, Átila. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 26 de novembro de 2012. Átila Ramos é artista plástico e um antigo frequentador do Café Ponto Chic. Produziu diversas aquarelas sobre bares e Cafês de Florianópolis e, algumas delas, sobre o Ponto Chic.

2 Nesta pesquisa, utilizo a palavra “café”, em minúsculo, para a bebida; e “Cafê”, maiúsculo, para o estabelecimento comercial.

3 Em 1979, foi criada a confraria Senadinho, que tinha objetivo de reunir alguns clientes mais assíduos do Café Ponto Chic. O ritual mais conhecido dessa Confraria é a entrega de diplomas aos ditos “senadores”. O primeiro diploma foi entregue no mesmo ano da criação da Confraria, ao Presidente João Baptista Figueiredo, em meio à manifestações contrárias ao Regime Militar, que ficaram conhecidas como Novembrada. Com o passar dos anos o Café ficaria sendo mais conhecido pelo seu apelido – Senadinho – do que pelo nome oficial.

4 Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em fevereiro de 2013, no Departamento de História, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado “Ponto Chic, um ponto de encontro: a trajetória do Café Senadinho na sociabilidade urbana de Florianópolis”, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Ferreira Delgado.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

mudanças na feição desses estabelecimentos foi a colocação, no início do século XIX, de mesas do lado de fora das galerias nas quais eles estavam localizados:

Nessas mesinhas a céu aberto, os clientes mais observavam a paisagem do que se envolviam em conspirações (...) Seus frequentadores esperavam ter o direito de ficar a sós e em silêncio pois esses eram os espaços que uniam o individual e o passivo.<sup>5</sup>

O simples ato de colocar mesas ao lado de fora das cafeterias gerou uma modificação na experiência de quem frequentava esses estabelecimentos. Esse aspecto inspirou reflexões sobre as transformações do espaço físico do Café Ponto Chic, e o quanto isso alterou o significado de ir ao Café e as relações sociais com aquele espaço.

No dia 28 de março de 1948, o Jornal Diário da Tarde anunciava com entusiasmo a abertura de um novo estabelecimento na cidade, de propriedade de José Francisco da Silva:

No Edifício São Jorge, na Rua Felipe Schmidt, foi inaugurado sábado, às 15 horas, o Café e Bar Ponto Chic. O elegante estabelecimento é dotado de aparelhamento do mais moderno que existe para casas daquele gênero e suas instalações bem luxuosas. Os serviços são feitos por garçons experimentados e gentis garçonetes. O referido estabelecimento veio preencher uma grande lacuna em nosso meio há muito reclamada. Os seus proprietários têm sido muito cumprimentados pelos seus esforços em dotar a nossa capital de tão importante melhoramento.<sup>6</sup>

O novo Café é descrito como um ambiente luxuoso e requintado, destacando seus modernos equipamentos. Sem contar os próprios funcionários: “garçons experimentados e gentis garçonetes”, que serviam o café aos seus clientes que deveriam ser, dessa forma, igualmente elegantes. Mas, o que representava, no momento de sua inauguração, a abertura do novo estabelecimento?

O Café e Bar Ponto Chic não estava isolado; sua inauguração está inserida em um período em que novos estabelecimentos comerciais começam a surgir na cidade de

5 SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Rio de Janeiro: Record, 2003, 3ª edição, p. 278.

6 Inaugurado sábado o Café e Bar Ponto Chic. Diário da Tarde. Florianópolis: 28 de março de 1948.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Florianópolis – eram eles, os cinemas, os Cafês e as confeitarias<sup>7</sup>. A abertura desses novos espaços estava de acordo com as transformações e remodelação da cidade de Florianópolis, que ocorriam desde as primeiras décadas do século XX. De acordo com Hermetes Reis de Araújo, o aburguesamento de uma parcela da sociedade local, a distância social cada vez maior que separava estes das classes mais humildes e o papel da cidade como sede do governo estadual foram fatores responsáveis pelo desejo de transformar Florianópolis em uma cidade mais “moderna e sadia”, o que gerou distinção social clara e efetiva<sup>8</sup>.

A remodelação do espaço urbano ocorreu em diversas cidades do país, principalmente nos maiores centros urbanos. Como afirma Reis,

este movimento alcançou estatuto de “regeneração nacional”, conforme foi chamada na época, e representou, particularmente e junto às elites, um amplo e sôfrego anseio em acompanhar o modelo de civilização exportado pelos países industrializados da Europa e Estados Unidos, visando dessa forma superar o que passou a ser denominado de “sociedade fossilizada do Império”.<sup>9</sup>

Nesse contexto, esses novos estabelecimentos – a exemplo do Café Ponto Chic – representavam um sinal de modernidade, e de aproximação com o modelo urbano mais próximo à realidade brasileira, que era o Rio de Janeiro. Como afirma a historiadora Glaucia Dias Costas, ao contrário das tabernas, onde havia bebidas e comidas preparadas de forma simples e barata, frequentadas por pessoas que não eram muito bem vistas pela elite, os Cafês apareceram como um espaço de convívio mais requintado, visto como uma alternativa mais saudável de divertimento. É dessa forma que os espaços de beber não estavam mais relacionados com a ideia de atraso e de imoralidade<sup>10</sup>.

No momento de sua inauguração, o Ponto Chic ocupava um espaço bastante amplo – correspondendo a duas salas comerciais – e suas paredes eram ornamentadas com espelhos de

7 COSTA, Gláucia Dias da. Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis: décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004, p. 37.

8 ARAÚJO, Hermetes Reis de. A Invenção do Litoral – Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado em História, p. 12 e 13.

9 Ibidem, p. 9.

10 COSTA, Glaucia Dias, op. cit.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

cristal<sup>11</sup>, o que pode ser um sinal de requinte e luxo. Junto com os espelhos que decoravam as paredes, havia prateleiras que expunham sacos de café e vidros de conserva<sup>12</sup>. O café, por sua vez, era tomado em pé, em balcões que, igualmente, possuíam vidros de cristais. Através de uma fotografia do ano de 1960, quando o proprietário era Gentil Cordioli, é possível vislumbrar a aparência do Café nos primeiros anos de existência:



*Figura 1 – Imagem externa do Café Ponto Chic.  
Fonte: Acervo de Gentil Cordioli Filho, 1960.*

Trata-se de uma foto do Ponto Chic no período noturno, é possível ver a iluminação e os vidros de cristais brilhando nos balcões, no centro do Café. Mas existe outro balcão, onde um homem contemplativo está apoiado, no canto direito da foto. Como é possível observar, o “cafezinho” era tomado em pé, não havia mesas ou cadeiras. Os vidros que ornamentavam as paredes, por sua vez, não são possíveis de observar nesta fotografia. Nas paredes do Café, existem também as prateleiras. Na fotografia é possível perceber que ainda não existia o calçadão da Felipe Schmidt: estacionado na Rua Trajano, uma Kombi, modelo luxo, lançado no ano 1957; na Felipe Schmidt, um automóvel AeroWillys, que foi produzido entre 1960 a 1962<sup>13</sup>.

11 VEIGA, Eliane. Ponto Chic e Café Senadinho. Organizado pelo Setor de Pesquisa Histórica da Casa da Memória de Florianópolis. Florianópolis, 2005.

12 Ibidem.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

As personagens da fotografia são todos homens, com exceção de uma mulher, que parece ser a atendente. Os homens estão todos vestidos de terno e gravata, o que pode ser um sinal de distinção. É possível perceber que são homens mais maduros, a partir de 30 e 40 anos. Em sua maioria, os clientes estão fora do estabelecimento, em grupos na calçada conversando. Apesar de estarem em uma cafeteria, não é possível vê-los com uma xícara de café nas mãos. Por meio da análise desta fotografia, percebe-se que, neste momento, ao menos no período noturno, ia-se ao Ponto Chic principalmente para encontrar amigos, conversar e tomar um café. Ao que tudo indica, é provável que os clientes do Café eram, em sua maioria, um público masculino. É preciso ter em mente que, como ressalta Michele Perrot, a cidade é um espaço gentrificado, havendo lugares destinados a homens e outros às mulheres<sup>14</sup>. Os Cafés, de maneira geral, sempre significaram um espaço de sociabilidade masculino, desde as primeiras casas de café européias. De acordo com Perrot, “à medida que estes lugares supostamente se politizam, as mulheres são excluídas”<sup>15</sup>.

O relato de Rogério Queiroz<sup>16</sup>, que frequenta o Café desde 1959, quando chegou à cidade, parece se encaixar na fotografia acima, e oferece algumas pistas sobre as práticas que eram efetivadas no Café “se formavam grupos e tinha rodada de café, um dia um pagava, no outro dia outro pagava. Eram grupos de políticos, amigos. Era um ponto de encontro.”<sup>17</sup>

O mesmo parece ocorrer nas lembranças de Valter da Luz – proprietário do Café entre os anos 1968 a 1983 –, apesar de se referir a um período alguns uns anos posteriores ao da fotografia, a partir do final da década de 60:

E eram vistos lá da rua, as pessoas iam lá para ver e ser vistas. As pessoas gostavam de ser vistas lá. Tomavam um, dois, três, cinco cafezinhos para olhar as pessoas lá fora, e pras pessoas olharem pra eles. (...) O forte era o

13 Informações concedidas por Rodrigo Huelsmann, designer industrial, especializado em restauração de veículos antigos das décadas de 50 a 70. Para mais informações: [www.huelsmann.com.br](http://www.huelsmann.com.br).

14 PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998, p. 37.

15 Ibidem.

16 Rogério Queiroz foi quem iniciou o “Movimento SOS Ponto Chic – Movimento Popular pela Abertura do Café”, em 2005, no momento em que o Café foi fechado por problemas financeiros. Devido aos esforços do Movimento, que procurava justificar o Café enquanto um Patrimônio da cidade, o Ponto Chic reabriu meses depois, mas com nova aparência.

17 QUEIROZ, Rogério. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 27 de novembro de 2012.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

cafezinho, e o papo, e a conversa. Ficavam até as 10 da noite conversando, mesmo em pé.<sup>18</sup>

Ao relatar sobre suas mais remotas lembranças sobre o Café, Átila Ramos – frequentador do Ponto Chic desde a década de 1950 – e Rogério Queiroz, recordam também Florianópolis, até os anos 60, como uma cidade ainda pequena, com poucos espaços de divertimento e sociabilidade e com suas divisões políticas, onde cada partido tinha seu espaço, seu bar e seu clube:

Quando eu cheguei aqui [1959] eu acho que ainda tinha na esquina o Café Nacional, ali na Felipe Schmidt. Mas havia uma diferença política entre esses Cafês, a política era marcada pela UDN e PSD. Assim como os próprios clubes sociais da cidade. A cidade era pequena então tinha essas divisões políticas. E eu freqüentava os dois né? (...) Pra você ver como as coisas mudaram em Florianópolis. Antes era tudo nos clubes: Carnaval, Ano Novo, Réveillon. Hoje não tem mais.<sup>19</sup>

Mas tinham outros Cafês também, tinha ali o Café Nacional, que ficava na outra esquina. Antigamente só tinha dois partidos, PSD e UDN. E um partido ia no Café Nacional, o outro aqui, no Ponto Chic. Tu vê, era tudo discriminado, sociedade fechada.<sup>20</sup>

Os principais redutos de Cafês gravitavam, neste momento, em torno da Praça XV e ruas próximas: em 1946, quase em frente à Catedral Metropolitana, foi instalado inicialmente o Café Gato Preto; na esquina da Felipe Schmidt com a Praça XV, ficava o Café Popular, que mais tarde tornou-se o Café Nacional<sup>21</sup>; na frente do Ponto Chic, estava localizado a Confeitaria Chiquinho, que fora aberto no início do século XX; e como já mencionado, no prédio ao lado do Ponto Chic, estava o Café Rio Branco.

As memórias dos entrevistados recordam não apenas um centro dividido entre partidos políticos, mas também demarcado socialmente. Átila Ramos relembra os famosos *footings*, no final da década de 50, que ocorriam na calçada do Palácio do Governador (atual Museu Histórico de Santa Catarina Palácio Cruz e Sousa) e na Rua Felipe Schmidt. Mas este

18 QUEIROZ, Rogério. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 27 de novembro de 2012.

19 Ibidem.

20 RAMOS, Átila. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 26 de novembro de 2012.

21 SILVA, Adolfo Nicolich da. Ruas de Florianópolis – Resenha Histórica. Florianópolis: FFC, 1999, p. 28 – 34.





“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

espaço era destinado para “as meninas e os gurus de colégio”. Já do outro lado do Palácio, em frente à Praça XV de Novembro,

sempre tem esse negócio dos níveis sociais, né? Nesse lado aqui [em frente ao Palácio do Governo, mas na calçada da Praça XV] também tinha o *footing*, mas era de empregadas domésticas, de marinho, carpinteiro, os mais pobres eram aqui, de nível intelectual mais baixo. Tinha os táxis aqui [na frente do Palácio]. Então tinham os taxistas, tinham os marinheiros. E do outro lado, as garotas e gurus de colégios, Átila Ramos, e tal.<sup>22</sup>

No processo de construção da memória sobre os bares e demais locais de sociabilidade do centro da cidade, os entrevistados também constroem uma identidade sobre si mesmo: dos grupos sociais que praticavam o *footing* no centro da cidade, Átila Ramos destaca que fazia parte de um em específico, os “gurus de colégio”. De uma maneira geral, é possível perceber que os entrevistados falam mais sobre si, e da maneira como os espaços de sociabilidade fazem parte de sua identidade, do que sobre o Café Ponto Chic e demais bares e Cafés da cidade. Isso vai ao encontro do que pontua Michael Pollak: a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade de grupos e de indivíduos<sup>23</sup>.

No comecinho da década de 1960, de acordo com Ramos, o *footing* começa a modificar: “porque, daí, começaram a fazer uma série de prédios, a Universidade começou a ampliar, e é nesse momento em que a cidade começa a crescer muito”<sup>24</sup>. De fato, desde a década de 60, Florianópolis passa por um surto de desenvolvimento, assim como o restante do país. É neste período que são criadas a Universidade Federal e a Universidade Estadual de Santa Catarina, que representaram uma alavanca no progresso urbano e populacional da capital<sup>25</sup>. Outro fator de desenvolvimento urbano e populacional da cidade foi a instalação da Eletrosul, empresa federal que atraiu mais de 2000 engenheiros e outros profissionais, com suas respectivas famílias. Além disso, neste período foi construída a BR-101, ligando, pelo

22 RAMOS, Átila. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 26 de novembro de 2012.

23 POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 205.

24 RAMOS, Átila. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 26 de novembro de 2012.

25 CORREA, Carlos Humberto. História de Florianópolis – Ilustrada. Florianópolis: Insular, 2005. 3ª ed. p. 336 - 353.





“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

litoral, as capitais do estado do Paraná e Rio Grande do Sul, que passava pelas imediações de Florianópolis<sup>26</sup>. A cidade começou a receber grandes obras como o aterro da Baía Sul, a ponte Colombo Salles, a Avenida Beira-Mar Norte e as ligações com os balneários. Como observa Glaucia Costa, essas mudanças urbanas ocorreram no sentido de deixar Florianópolis uma capital mais moderna, passando a ser vista com ares de cidade grande, principalmente a partir da década de 1970<sup>27</sup>.

Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, é frequente nas memórias a relação entre este surto de desenvolvimento urbano que a cidade passara a partir da segunda metade do século XX e as modificações das práticas de sociabilidade no centro da cidade, entre elas, o costume de tomar um cafezinho no Ponto Chic. Essas memórias apontam, em alguns momentos, para as transformações, muitas vezes sutis, que ocorreram na prática de ir aos Cafés:

Na verdade, esse período de 1968 a 1983 foi um período áureo para o Ponto Chic. Áureo para a cidade. Depois disso, ele [Café Ponto Chic] durou mais uns 20 anos, eu acho. Também foi um tempo bonito, não posso dizer que não, mas é que a cidade mudou muito. Aliás, esses 15 anos meus, e os 20 anos depois, nesses 35 anos Florianópolis deu um pulo muito grande, né? A cidade evoluiu muito, cresceu muito, populacionalmente. Então, vão surgindo novos negócios: surgiu o McDonalds, o Bob's, surgiram outros Cafés, a cidade foi se expandindo mais pra fora, mais para a periferia, saiu um pouco do centro, outros tipos de comércio foram sendo criados, alguns sumiram e desapareceram.<sup>28</sup>

Mas o progresso da cidade vai tomando conta; é um monstro que vai acabando com tudo (...). Isso está contribuindo para que Florianópolis deixe de ser aquela cidade bonita que era pra se tornar uma cidade essencialmente progressista, que não está de acordo com aqueles moradores da Ilha. Inclusive aqui, por exemplo, fizeram um aterro, um maior absurdo! Então essa insatisfação generalizada dos moradores nativos daqui, que se criaram aqui, e viram sofrer toda essa transformação não benéfica para a Ilha, mas destrutível.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> COSTA, Glaucia Dias, op. cit., p. 108.

<sup>28</sup> LUZ, Valter da. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 1º de novembro de 2012.

<sup>29</sup> TREMEL, Edy Leopoldo. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 8 de novembro de 2012.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Era um ponto de encontro [Ponto Chic]. Mas esse ponto de encontro é preciso salientar, que a cidade cresceu, a população aumentou, e não se encontra mais as pessoas como antes.<sup>30</sup>

As memórias são construídas com contraposições entre determinadas práticas e suas alterações. Ou seja, primeiro os entrevistados caracterizam como era a prática de frequentar o Ponto Chic, para depois contrapor às modificações. Se, num primeiro momento, eles estavam acostumados a conhecer boa parte dos transeuntes e frequentadores do Café, agora surge o anonimato. Junto a isso, a cidade passa a se expandir, tirando do centro o monopólio dos encontros sociais. Aparecem novos estabelecimentos, como aponta Valter da Luz, que possibilitam outros espaços de sociabilidade. Não restam dúvidas que essas modificações do espaço da cidade também geraram transformações na sociabilidade do Café Ponto Chic. Se até meados da década de 1960, o público do Café era, provavelmente, pessoas de poder aquisitivo mais elevado – como representantes das famílias tradicionais e os homens públicos da cidade – a partir da década de 1970, os frequentadores do Café passam a ser os mais diversos possíveis, principalmente depois da construção do calçadão da Felipe Schmidt, em 1976, que fez aumentar a circulação de pessoas pelo local.

Quando Valter da Luz menciona que sua gestão no Café foi “um período áureo para o Ponto Chic” – entre 1968 a 1983 – talvez isso signifique não apenas uma tentativa de valorização de seu trabalho, mas também porque o então proprietário acompanhou, do ponto de vista do Café, esse período de transição e de transformações do espaço cidade: quando os Cafés do centro ainda tinham esse poder aglutinador, de trocas de ideias políticas, econômicas e culturais, de um público mais delimitado, em uma cidade com uma população diminuta, para clientes mais diversos, com uma população cada vez mais crescente.

Um caso interessante com relação a isso é quando Luz menciona que, assim que comprou o Café, fez uma primeira reforma no espaço físico do estabelecimento, depois de anos com a mesma aparência. A mudança na estrutura do Café inspirou outros comerciantes, a mudar seus estabelecimentos também. É dessa forma que o comerciante vislumbra que as

---

30 QUEIROZ, Rogério. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 27 de novembro de 2012.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

transformações ocorridas no Ponto Chic, influenciaram as mudanças que estavam ocorrendo e que viriam a ocorrer na cidade:

Quando eu cheguei lá em 68, o mês era de outubro, ele [Ponto Chic] era uma casa assim velha, antiga, como era a cidade, sem muita expressão, natimorto. E as pessoas viviam assim: em torno do Ponto Chic, e o Ponto Chic em torno delas. Uma cidade sem muita vontade de crescer, se vivia assim “numa boa”, e assim a coisa ia passando. Mas eu não me conformei muito com aquilo, e comecei a mexer a casa. (...) Ah, daí que a cidade se mexeu junto! O engraçado foi isso: a própria cidade acabou mudando junto. “Opa, tem alguém reformando o Ponto Chic, eu também posso reformar a minha loja”. E a cidade parece que começou a andar! A cidade começou a mudar junto! Se inspiraram! Eu fiz aquela coisa andar.<sup>31</sup>

Também é possível observar no trecho acima que Valter da Luz chama as mudanças da cidade para si, como se fossem de sua autoria. Ao longo da pesquisa foi possível perceber o quanto esse fato é importante na constituição das memórias de Luz sobre o Café. Ele relatou esse mesmo caso em outras notícias de Jornal: no Jornal O Estado, em cinco de setembro de 1986<sup>32</sup>, e no A Notícia Capital, em 24 de julho de 2005<sup>33</sup>. Como se vê, o tempo entre as duas notícias e a entrevista concedida é relativamente grande, mas o depoente conta o episódio de maneira muito semelhante. Trata-se de um “trabalho de solidificação da memória”, nas palavras de Pollak, quando alguns marcos ou pontos são frequentemente retomados em entrevistas ou relatos histórias de vida. Esses aspectos recorrentes passam a fazer parte da própria essência da pessoa, e demonstram a identidade sobre si que determinado sujeito quer construir<sup>34</sup>.

Nesta reforma realizada por Luz, os espelhos das paredes foram retirados. Além dos espelhos, foram removidas as prateleiras com os sacos de café e os vidros de conserva. Mas o comerciante relata que a reforma gerou um grande estranhamento por parte dos

31 LUZ, Valter da. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 1º de novembro de 2012.

32 REINERT, Helô. Um “senado” para o qual os votos são dispensáveis. O Estado. Florianópolis: 5 de setembro de 1986, Florianópolis, p. 9.

33 Cidade ganha novo Ponto Chic nesta terça-feira. AN Capital. Florianópolis: 25 de julho de 2005, Florianópolis.

34 POLLAK, Michael. Memória e identidade social, op. cit., p. 201.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

frequentadores do Café e moradores da cidade “então ali eu renovei tudo. Aqueles espelhos que tinham lá, era cheio de espelhos em volta, espelhos de cristais, eu tirei tudo! Pessoal tinha uma “dó danada” de quebrar aquilo tudo.”<sup>35</sup>

Quando o ex-proprietário menciona em entrevista que o Café era um espaço “natimorto e sem muita expressão”, podemos concluir que a estrutura do Café já era considerada “antiga” em 1968, provavelmente a mesma de quando abriram o estabelecimento 20 anos antes, em 1948. O espanto com que as pessoas ficaram ao retirarem os vidros das paredes, descrito por Luz, também evidencia que as pessoas estavam acostumadas com aquela estrutura há muitos anos. No entanto, é preciso estar atento para o fato de que, durante sua entrevista, o comerciante sempre pontua sua gestão como inovadora e grandiosa na história do Café. Luz pode ter descrito dessa maneira como forma de enaltecer o seu papel como um proprietário inovador. Pensando nisso, é provável que nos primeiros vinte anos alguma reforma tenha sido realizada na estrutura do Café, mas que, infelizmente, não foi identificada durante esta pesquisa. Porém, uma característica que permaneceu no Café, ao menos até 2004, foi a maneira como o café era ingerido: em pé, num balcão. Mas o balcão não passou despercebido nas reformas de Valter Luz: os antigos balcões, segundo o comerciante, eram muito altos e em formato de L, ficaram mais baixos, e se tornaram ovais, em formato de U.

Em suas reformas, Valter da Luz instalou uma loja no Café, que possuía uma característica inovadora para a cidade até então: eram as chamadas gôndolas de auto-serviço, prateleiras onde o próprio cliente poderia se servir. Até então, segundo o comerciante, isso não existia em Florianópolis. As gôndolas vendiam produtos dos mais variados, de chocolates em tempos de páscoa e natal, até calculadoras e relógios:

Mas o que eu tinha nessa loja era tudo produto de conveniência, tudo o que a pessoa precisava de emergência, ia lá ao Ponto Chic, e encontrava. (...) Coisas que nem se imaginava, lá no Ponto Chic tinha, tipo relógio com calculadora, máquina fotográfica, filmes, tudo o que turista queria, mapa, souvenir.<sup>36</sup>

35 LUZ, Valter da. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 01 de novembro de 2012.

36 Ibidem.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

A venda dos mais diversos produtos possivelmente gerou uma modificação no significado de ir até o Café. Se até fins da década de 60, ia-se ao Ponto Chic apenas para beber café e encontrar pessoas, agora havia uma clientela que ia ao estabelecimento para comprar objetos variados. A instalação de uma loja de souvenir, como mencionado no relato, atrai outro tipo de público para o Café, os “forasteiros”, ou seja, os turistas. A venda de produtos e alimentos contribuiu para a diversificação do público do Café que eram, até então, em sua maioria, moradores da cidade. As gôndolas foram retiradas quando começaram a surgir os supermercados na cidade, porque a partir de então, de acordo com o Valter da Luz, as pessoas passaram a não comprar mais no Café.

Em 1980, ainda na gestão de Luz, o Café Ponto Chic já tinha a seguinte aparência:



Figura 2 – Imagem externa do Café Ponto Chic.  
Fonte: Acervo Jornal Notícias do Dia, 1980.

Observam-se nesta imagem os diferentes usos que são atribuídos ao espaço do Café. Há o tradicional serviço do café, o que fica explícito na placa com o nome “Ponto Chic”, e “Café Amélia”, que era a marca do café usado durante os quinze anos de gestão de Luz. Mas também existe a novidade do serviço de fotocópias e plastificação, que é relatado em entrevista:

Em cada uma das portas de entrada tinha algum tipo de produto. Eu já cheguei a ter até Xerox, tinha muita coisa, então as pessoas gostavam de ir lá



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

também por causa disso. É hoje em dia tem lá na propaganda dos Postos Ipiranga, era com o Ponto Chic.<sup>37</sup>

Também é possível observar a existência de uma lojinha de presentes e lembranças da cidade para turistas, onde há uma placa com os escritos “recuerdos/souvenirs/presente”. Como já mencionado, esses diferentes usos do Café conferem outros significados a esse espaço, e traz um público mais variado para a cafeteria. Na fotografia, há dois homens que, ao que tudo indica, estão no estabelecimento esperando usar o serviço da fotocópia, e não para beber café. Mas na terceira porta da Rua Trajano é possível ver um homem no balcão (por acaso, no mesmo local onde há um homem contemplativo encostado, na foto de 1960), este, sim, provavelmente esperando para tomar um “cafezinho”.

No entorno da fotografia do início dos anos oitenta do século passado, também é preciso destacar a quantidade de letreiros de propaganda, que eram inexistentes na fotografia de 1960. As reformas de Valter da Luz seriam apenas algumas das modificações que se efetivaram no espaço do Café ao longo de sua história. Vejamos sua aparência quase 20 anos depois, em 1999:



*Figura 3 – Novas cadeiras no espaço externo do Café Ponto Chic.  
Fonte: Acervo Casa da Memória, 1999.*

---

37 Ibidem.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Como é possível observar, há uma mudança na tradição de se tomar café em pé no balcão, pois passa a ser consumido inclusive fora do estabelecimento, visto que mesas e cadeiras foram colocadas no calçadão da Felipe Schmidt. Os clientes sentados à mesa, novamente, são homens e aparentam possuir quarenta anos ou mais. A mudança não está apenas na forma como tomar o café, mas também no modo de preparo: há uma placa destacando o tipo de café, “expresso”. O modo de preparo do café é um aspecto muito importante para revelar indícios sobre as práticas que se efetivavam no Ponto Chic. É interessante como esse aspecto aponta para uma questão geracional. O tradicional café passado no coador de pano continua sendo vendido no Ponto Chic atualmente, mas apenas devido exigências dos antigos frequentadores do Café, como relata a atual gerente Solange Silva, demonstrando uma resistência por parte de alguns clientes em tomar o café de máquina “O café simples é o que mais sai. Mas os senhores gostam mais de café popular, que o café passado, que é o de coador de pano. É um café passado a cada duas horas, pra manter ele semprequentinho.”<sup>38</sup>

A máquina de café expresso foi instalada no estabelecimento ainda na gestão de Valter da Luz:

E eu mantive a tradição do café de coador. Mas depois eu comprei uma máquina de café expresso, quatro anos depois de ter assumido o Café. Mas a preferência sempre foi pelo cafezinho de coador. Até porque era bem gostoso também e era bem mais barato.<sup>39</sup>

O então proprietário quis acompanhar as mudanças no preparo do café, comprando para o Ponto Chic uma máquina de café expresso. No entanto, também existem as permanências, ou seja, como relata Luz, ele quis continuar com a “tradição” do café de coador, o que demonstra que, naquele período, havia a preferência de boa parte da clientela era pelo café de coador de pano. Isso também é reforçado pelo relato de Rogério Queiróz:

---

38 SILVA, Solange. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 08 de novembro de 2012.

39 LUZ, Valter da. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 1º de novembro de 2012.





“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Mas o café em si, continua muito bom, continua café de coador, que eu gosto e prefiro. Porque de uns dez anos pra cá tem predominado o café italiano, expresso, mas eu prefiro o de coador. Mas lá ainda se mantém o cafezinho puro né? O de coador, sem ser o expresso. E serviam sanduíche também, eu acho. Mas o forte mesmo era o cafezinho.<sup>40</sup>

A maneira de saborear o café também modifica, não apenas o modo de preparo. As pessoas não tinham pressa, relembra Luz, “elas ficavam ali, conversando, vivia cheio. Então, onde tem gente atrai gente. Daí todo mundo se exprimia pra tomar o cafezinho. Daí assim o café não fica velho, fica gostoso, saboroso”<sup>41</sup>. É importante considerarmos a alimentação, neste caso especificamente o ato de ingerir café, não apenas como uma necessidade biológica, mas também como uma prática cultural. Como sugere Ulpiano Meneses e Henrique Carneiro, é preciso atentar para o fato de que a forma de preparo e consumo dos alimentos são espaços de articulação de sentidos, valores e mentalidades<sup>42</sup>.

Com relação a isso, é significativo perceber que a prática de beber o café está relacionada com a memória afetiva dos antigos frequentadores. Quando indagado sobre se há alguma diferença no sabor do café hoje em dia, em comparação com o período da criação da confraria Senadinho, Edy Leopoldo Tremel<sup>43</sup> responde:

O sabor do café continua o mesmo. E quando eu tomo o cafezinho ali, eu sinto como se estivesse aquelas pessoas que já não estão mais conosco, já foram para o além. E sinto a presença deles, isso me traz forças, porque eles confiaram em mim, e isso me dá forças para continuar com o Senadinho. Eu não posso deixar de honrar aquele compromisso que eu assumi com eles.<sup>44</sup>

Neste caso, na construção de sua memória individual, há um importante sentimento de coerência e de continuidade. Tomar café no Ponto Chic é uma prática que faz parte da identidade que Tremel constrói sobre si mesmo. Mas não apenas isso, também há o esforço de

40 QUEIROZ, Rogério. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 27 de novembro de 2012.

41 LUZ, Valter da. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 1º de novembro de 2012.

42 MENESES, U.T.B. & CARNEIRO, H. História da Alimentação: balizas historiográficas. In: Anais do Museu Paulista. História e Cultura material. São Paulo: Nova Série, v. 5, jan./dez. 1997, p. 17.

43 Edy Leopoldo Tremel foi o criador da confraria Senadinho, em 1979.

44 TREMEL, Edy Leopoldo. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 8 de novembro de 2012.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

dar continuidade a uma prática realizada por um determinado grupo durante muitos anos. Ao construir esta memória é como se, de certa forma, o grupo continuasse a existir. Neste sentido, podemos retomar as reflexões de Pollak, quando afirma que a memória “é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução sobre si”<sup>45</sup>.

Se Tremel afirma que o café tem o mesmo sabor de trinta anos atrás, Valter da Luz, por sua vez, diz que em Florianópolis não há um bom café para se beber. Hoje não se faz mais com qualidade, diz o comerciante, porque atualmente “não dá tempo, e as pessoas não tem interesse”, resultado de uma sociedade onde tudo é automático e muito rápido. Em sua fala, é possível perceber novamente a relação entre a construção de sua identidade e o com café no Ponto Chic, estando neste caso mais relacionado com o trabalho, do que com um momento de lazer:

O próprio cheiro de café era muito saboroso. Nosso café era muito bom, muito bem feito, muito bem elaborado. Tinha a habilidade do pessoal, nós dávamos um treinamento muito bom pra eles. O produto que a gente adquiria também era de qualidade. Já hoje em dia ninguém está muito interessado nisso, né? O que chamava muita atenção do meu café, era o cheiro, era muito cheiroso. Tu sentia o cheiro do café lá debaixo da figueira, lá no ARS, aquele centro comercial tu já podia sentir o aroma. Mas, como eu te digo, o cuidado com o café era grande, as meninas na minha época tinha muita habilidade.<sup>46</sup>

Apesar da relação que o Ponto Chic estabeleceu ao longo dos anos com a cidade, ele acabaria sendo fechado em 2004. O fechamento do estabelecimento parece estar relacionado com mudanças no espaço físico do Café. Valter da Luz recorda que antes do Café fechar em 2004, havia um proprietário que realizou uma grande reforma: contratou arquiteto, comprou mesas, realizou uma mudança que, segundo Luz, foi “muito moderna e sofisticada”. De acordo com sua interpretação, o que na realidade desejava o então proprietário com toda essa mudança era que os chamados “velhinhos” não frequentassem mais o Café:

45 POLLAK, Michael. Memória e identidade social, op. cit., p. 204.

46 LUZ, Valter da. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 1º de novembro de 2012.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Mas ele [ex-proprietário, entre 2000 a 2005] não queria pessoas de idade lá, os chamados velhinhos. Ele queria mudar o público do Café, queria que fosse um bar mais jovem. Mas ele não conseguiu, e a casa esvaziou. Sem cliente, nenhum negócio vai pra frente.<sup>47</sup>

De acordo com as entrevistas, antes de fechar em 2004 o tradicional cafezinho ficou para segundo plano, e o chope e a cerveja tomaram o lugar principal. Isso gerou, de acordo com Luz, um afastamento dos clientes mais cativos, que eram em sua maioria pessoas de mais idade. O esvaziamento do estabelecimento dificultou o pagamento do aluguel, o que resultou no fechamento do Café. O Jornal A Notícia Capital anuncia o fechamento do estabelecimento com tom de conformismo, reforçando a versão apresentada por Luz:

Frequentadores mais antigos dizem que a qualidade dos serviços vinha decaindo nos últimos anos. O Ponto Chic fechou e não vai fazer falta para seus antigos frequentadores, pelo menos em um primeiro momento. Transformado na década de 50 num principal ponto de encontro de novos e antigos moradores da cidade, o bar na esquina das ruas Felipe Schmidt e Trajano já não tinha um bom atendimento e a qualidade do café havia decaído bastante. No local, segundo os comentários, será instalada uma casa financeira. “Há 20 anos só havia este local para as pessoas se encontrarem, mas hoje existem várias lanchonetes nas imediações e isso fez o movimento decair”, explica o policial civil aposentado Carlos Vilela, frequentador do Ponto Chic desde a juventude. “Além disso, acrescenta, o atendimento se tornou muito ruim com o novo proprietário e o café estava horrível”. O desembargador aposentado Urbano Vicente Gama Salles, 73 anos, é outro que só tem reclamações. “Colocaram duas máquinas de chope numa cidade que só bebe ao verão, mas principalmente a cerveja, deixando o café para segundo plano”, destaca.<sup>48</sup>

Mas não foi necessário muito tempo para que as notícias expressassem um novo posicionamento com relação ao fim do Café Ponto Chic, dessa vez de revolta em relação aos “senadores”, que eram os frequentadores do Café que faziam parte da confraria Senadinho, criada em 1979, por Edy Leopoldo Tremel:

---

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Senadinho fecha após meio século de tradição. A Notícia Capital. Florianópolis: 21 de novembro de 2004, p. 6.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Boa parte da responsabilidade pelo fechamento do Ponto Chic cabe aos senadores. Primeiro eles assistiram a transformação do espaço, com a exclusão de seus frequentadores tradicionais, e não fizeram nada. Depois fecharam o grande anfiteatro da cidade e foram poucos os que quiseram comentar. Apesar de “senadores”, não fazem pronunciamentos, nem fazem projetos de lei. Infelizmente, eles se limitam a conversar uns com os outros, colocar as novidades em dia. E só. Não reagem. Foi assim que perdemos muitas coisas em Florianópolis. Está na hora de uma reação, não apenas em relação ao Ponto Chic, mas em uma postura que pense o futuro da cidade. Depois que o leite estiver derramado, não adianta chorar, como diz o antigo ditado.<sup>49</sup>

As duas notícias citadas acima levantam diversos aspectos interessantes para compreender o funcionamento do Café Ponto Chic no momento de seu fechamento. É possível perceber que, além da qualidade do atendimento ter decaído nos últimos anos, novos bares e Cafés começaram a surgir no centro da cidade, contribuindo para diminuir a clientela do Ponto Chic: “há 20 anos só havia este local para as pessoas se encontrarem”. Isso vai ao encontro com o que foi discutido sobre o crescimento urbano e populacional ao longo da segunda metade do século XX em Florianópolis.

Sem contar o tradicional cafezinho que ultimamente estava em segundo plano, como reclama Urbano Salles, perdendo espaço para a cerveja e para o chope. É preciso lembrar que, desde sua abertura, o café foi principal produto de consumo do estabelecimento. Independente da feição do espaço físico do Café, se era maior ou menor, se havia balcão ou mesas, com serviços de loja ou sem, sempre foi em torno da ingestão do café que se efetivaram as práticas de sociabilidade, ao menos até a reforma anterior ao fechamento. Valter da Luz relembra que nos quinze anos de trabalho no Ponto Chic vendia uma média de 1500 cafezinhos por dia. É uma quantia considerável, se for comparado com os dias atuais em que são vendidos 150 a 200 cafezinhos, em média, segundo Solange Silva, atual gerente do Café. Apesar de vender produtos variados por algum tempo, o forte no Ponto Chic sempre foi o café, e isso é lembrado pelos entrevistados:

---

49 Senadores do Ponto Chic. A Notícia Capital. Florianópolis: 26 de novembro de 2004, p. 6.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Tinha uma época que eu vendia café com bebidas, café com licor, com rum, mas não era o forte. O forte era o cafezinho, e o papo, e a conversa. Ficava até as 10 da noite conversando, mesmo em pé.<sup>50</sup>  
Naquela época, a moda era o cafezinho. Existia pouca coisa pra comer, como tem hoje.<sup>51</sup>

Outro aspecto importante que a segunda notícia sobre o fechamento do Café levanta é a exclusão dos frequentadores mais antigos, o que vai ao encontro com o que foi narrado por Valter da Luz. A última notícia citada joga a responsabilidade do fechamento e das transformações vistas de maneira negativa para os “senadores”, que até aquele momento, nada haviam feito para reverter o uso a qual o Café estaria se destinando: uma casa financeira.

Após quase um ano fechado, o Café reabriu em julho de 2005, devido aos esforços de um movimento denominado “SOS Ponto Chic - Movimento Popular de Reabertura do Café Ponto Chic”. O movimento conseguiu a reabertura do Café, mas depois disso, o tradicional estabelecimento nunca mais foi o mesmo: nenhuma mudança no espaço físico do Café foi tão grande quanto a que ele sofreu em 2005, características que permanecem ainda hoje. O antigo espaço da cafeteria foi alugado por uma agência financiadora, o Banco IBI, e o Café, anexado ao Banco, ficou reduzido, com 5,5 m<sup>2</sup>. Atualmente, um transeunte que não conhece a história do Café dificilmente diria que ele possui mais de cinco décadas de funcionamento. Nada lembra os anos 40, a não ser pelo próprio prédio onde o Café está instalado:

---

50 LUZ, Valter da. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 1º de novembro de 2012.

51 TREMEL, Edy Leopoldo. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis: 8 de novembro de 2012.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza



*Figura 4 – Café Ponto Chic com nova aparência.  
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2013.*

Como é possível observar nessa fotografia do ano de 2013, os clientes tomam o tradicional cafezinho em um balcão pequeno, que dá para as ruas Felipe Schmidt e Trajano. No balcão, o cliente fica em pé, mas também há a opção de sentar em mesas e cadeiras altas, localizadas na Rua Trajano. No entanto, essas cadeiras e mesas não garantem muito conforto e comodidade, já que ficam bambas devido às sinuosidades da Rua Trajano. Com relação aos clientes mais idosos, que frequentam o Café há muito anos, a situação se agrava. Solange Silva relata um caso em que um antigo frequentador do Café, ao se sentar a mesa, colocou a cadeira em falso: a queda gerou uma fratura na perna. E se os frequentadores que desejam manter a tradição de tomar o cafezinho em pé, possuem pouco espaço no diminuto balcão.

As mudanças no espaço físico do novo Ponto Chic tiveram uma consequência: gerou um deslocamento nos espaços de sociabilidade do centro da cidade. Do Café Ponto Chic muitos passaram a frequentar a cafeteria do Bob's – localizado a poucos metros do Ponto Chic, na Rua Trajano, em frente ao Museu Histórico de Santa Catarina Cruz e Sousa – que já é um consolidado ponto de encontro da cidade, principalmente de um público com mais idade – apesar de se enquadrar no restaurante tipo fast food, destinado a um público adolescente e jovem. Esse deslocamento foi por meio das entrevistas, como relata Átila Ramos:



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

Mas atualmente eu tenho a minha turma do Café do Bob's. Porque é o que eu sempre falo, o Bob's não é bar, mas tem característica toda de bar. Inclusive vendia cerveja, não sei se vende ainda. Mas é onde tem mais aposentado, não tem muita juventude. (...) E há uma circulação diária, pra lá e pra cá, estão de saco de cheio do Ponto Chic, vão pro Bob's. Encontram os amigos lá, voltam para o Ponto Chic. Então tem esse vai e vem todo dia. E no meio desse trajeto ainda tem uma mulher sentada que mede pressão numa cadeira, onde os velhinhos do Ponto Chic passam e param (risos).<sup>52</sup>

Nos depoimentos, as fronteiras do Senadinho, ou seja, da Confraria criada por alguns frequentadores do Ponto Chic, se alargaram, e agora faz parte dele também o Bob's, considerado por alguns como “segundo Ponto Chic”, como menciona Átila Ramos e Edy Tremel:

Porque na realidade, tu pode até anotar essa frase, até o Tremel concorda com isso, hoje existe dois Ponto Chic. O Ponto Chic hoje é, na realidade, todo aquele trecho que vai do Ponto Chic antigo ao Bob's. Porque fica uma série de pessoas no Bob's parado, naquelas mesinhas, e tem o pessoal que também fica nas mesas, no atual Ponto Chic.<sup>53</sup>  
O Senadinho é o Centro. Começou no Ponto Chic, mas hoje inclui o café do Bob's e outros pontos de encontro.<sup>54</sup>

A cafeteria do Bob's possui muitas mesas e cadeiras, dispondo maior conforto, o que agrada os clientes de mais idade. Além disso, no Bob's sentem-se mais seguros, porque as cadeiras ficam dentro do estabelecimento. Já no Ponto Chic, as cadeiras e mesas localizadas na Rua Trajano deixam os clientes expostos aos mais variados transeuntes do calçadão. Quando indagada sobre o que os clientes mais antigos do Café acharam das modificações no espaço, Solange relata:

Ah, eles preferiam como era antes. Eles não gostam muito desse ambiente aberto. Eles acham que o Senadinho deveria ser toda a financeira [IBI], tinha que ser aquelas mesinhas, aquele atendimento ali dentro. Porque eles não gostam de ficar muito expostos aqui fora. (...) Tem senhores que só

52 RAMOS, Átila. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 26 de novembro de 2012.

53 Ibidem.

54 DAMIÃO, Carlos. Diálogos com a cidade. Entrevista com Edy Leopoldo Tremel. Notícia do Dia. 06/11/10, disponível no site: <<http://carlosdamiao.wordpress.com/tag/ponto-final-nov-10>>, acessado dia 23/05/2012.





“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

freqüentam o Senadinho, tem senhores que só freqüentam o Bob's. Tem uns que vem, tomam só o cafezinho e vão pro Bob's, porque lá tem lugar pra sentar, o ambiente é fechado, então se sentem mais seguros. Tem um cliente que não gosta de ser importunado nas mesas. Às vezes estão tomando um café, daí chega um mendigo, criança vendendo uma balinha, daí tem clientes que não gostam disso. Tem uns que não querem dar, outros que dizem que criança tem que ir pra escola, mas daí a criança não gosta e xinga. Então eles tomam o cafezinho, mas ficam sentadinhos lá no Bob's.<sup>55</sup>

O espaço de sociabilidade da confraria Senadinho, que era representado pelo Ponto Chic, adquire outros significados, extrapolando o espaço físico do tradicional Café. Com relação à confraria Senadinho, é preciso atentar na última fotografia analisada, para a inscrição “Senadinho”, aparecendo como o próprio nome do Café. O antigo e oficial nome Ponto Chic mal aparece na placa. É interessante perceber que o mesmo acontece durante entrevista com a atual gerente Solange Silva. Ao se referir ao Café, ela o chama de Senadinho, e não de Ponto Chic. Vale mencionar que Solange mora em Florianópolis há cerca de dez anos, apenas. O que parece ocorrer é que a Confraria passou a representar o Café como um todo, e não apenas um grupo em específico de frequentadores.

Em suas reflexões sobre a “cidade como palimpsesto”, Sandra Pesavento lembra que a cidade que vemos e que habitamos, abriga as cidades mortas e soterradas, do passado. No esforço de fazer revelar essas cidades do passado, o historiador não deve apenas relatar como teria sido a cidade, mas, principalmente, perceber os sentidos que fizeram daquele espaço um lugar que tinha sua inteligibilidade em correspondência histórica com o tempo. No entanto, para perceber esses sentidos, faz-se necessário que as cidades do passado e a do presente sejam colocadas em correspondência, para se estabelecer as rupturas e continuidades<sup>56</sup>. Na tentativa de se observar o Café Ponto Chic também como um “palimpsesto”, esta pesquisa procurou identificar algumas memórias sobre este espaço citadino. Na construção dessas memórias, os depoentes relacionavam a trajetória do Café com a construção de sua própria

55 SILVA, Solange. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Florianópolis, 08 de novembro de 2012.

56 PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: Esboços. Florianópolis: UFSC/Gráfica Universitária, vol. 11, nº 11, 2004, pp. 25 – 30.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

identidade, produzindo a narrativa a partir de suas experiências e as relações estabelecidas com este espaço da cidade.

Kevin Linch, em “A Imagem da Cidade”, chama atenção para o fato de que cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e de significados<sup>57</sup>. E continua:

Os elementos móveis de uma cidade são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias. Não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele. (...) É preciso levar em consideração não apenas a cidade como uma coisa em si, mas a cidade do modo como percebem seus habitantes.<sup>58</sup>

Dessa forma, ao relataram sobre o Café Ponto Chic, os entrevistados também evidenciavam sua percepção da cidade, mais especificamente do centro de Florianópolis. Apesar das rupturas e modificações, o Ponto Chic continua sendo um lugar de práticas associadas a sociabilidade urbana, com diferentes significados para os moradores de Florianópolis. Ao longo da pesquisa mostrou-se surpreendente e fascinante o quanto um simples espaço da cidade pode relevar tantos aspectos da conduta e dos costumes sociais de determinadas épocas. Não restam dúvidas que novas questões podem ser suscitadas a respeito do Café Ponto Chic, sendo que este trabalho levantou e discutiu apenas algumas delas.

## Referências

ARAÚJO, Hermes Reis de. *A Invenção do Litoral – Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado em História.

CAMPOS, E.; FALCÃO, L.; LOHN, R. (Orgs). *Florianópolis no tempo presente*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2011.

57 LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011, p. 1.

58 Ibidem, p. 1 – 3.



“Toda cidade tem seu cantinho, e em Floripa foi o Ponto Chic”:  
sociabilidade, transformações urbanas e experiências no Café Ponto Chic - Isabella Cristina de Souza

COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis: décadas de 50, 60 e 70 do século XX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

CORREA, Carlos Humberto. *História de Florianópolis – Ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2005. 3ª ed.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

MENESES, U.T.B. & CARNEIRO, H. História da Alimentação: balizas historiográficas. In: *Anais do Museu Paulista*. História e Cultura material. São Paulo: Nova Série, v. 5, jan./dez. 1997.

PELUSO JUNIOR, Victor Antonio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 3ª fase, nº 3.981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: *Esboços*. Florianópolis: UFSC/Gráfica Universitária, vol. 11, nº 11, 2004.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 205.

SILVA, Adolfo Nicolich da. *Ruas de Florianópolis – Resenha Histórica*. Florianópolis: FFC, 1999.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2003, 3ª edição.

VEIGA, Eliane. *Ponto Chic e Café Senadinho*. Organizado pelo Setor de Pesquisa Histórica da Casa da Memória de Florianópolis. Florianópolis, 2005.

Recebido em 24 de setembro de 2013.

Aceito para a publicação em 12 de novembro de 2013.

